



México	US\$ 878
Madrid	US\$ 919
Lisboa	US\$ 919



Notícias

Ajuc

Buscar na Internet

▼ Notícias

- Brasil
- Mundo
- Economia
- Esportes
- Variedades
- Eleições 2006
- Previsão do Tempo
- Galeria de Imagens



(Fonte: Reuters)

22/09/06 19:01

Miséria cai no governo Lula, mas ainda atinge 42,6 milhões--FGV

RIO DE JANEIRO (Reuters) - A miséria caiu 10,3 por cento no país entre 2004 e 2005 e deve manter a trajetória de queda em 2006, mostrou nesta sexta-feira uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O economista, Marcelo Neri, coordenador da pesquisa, alertou, no entanto, que essa trajetória não é sustentável com os atuais mecanismos do governo.

Em 2005, o percentual de miseráveis caiu para 22,77 por cento da população, ante 25,38 por cento em 2004. Segundo o estudo "Miséria, Desigualdade e Estabilidade: o Segundo Real", do Centro de Políticas Sociais da FGV, o número absoluto de miseráveis em 2005 chegou a 42,58 milhões numa população de aproximadamente 187 milhões de pessoas.

Na comparação com 2003, quando a proporção de miseráveis era de 28,17 por cento, a queda registrada no ano passado foi de 19,18 por cento, comparável à registrada na época da introdução do Plano Real, ocorrida em 1994. Naquela ocasião, a população miserável diminuiu de 35,3 por cento, em 1993, para 28,8 por cento em 1995, uma redução de 18,47 por cento.

Para Neri, a atual redução pode ser atribuída ao aumento do salário mínimo e ao Bolsa Família.

Nos três primeiros anos do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a miséria caiu 5,2 por cento, enquanto nos quatro anos do primeiro mandato do governo Fernando Henrique Cardoso, o contingente de miseráveis encolheu 5,1 por cento. Considera-se que quem ganha menos de 121 reais por mês está abaixo da linha da miséria.

Segundo Neri, ao observar os dados, identifica-se que o governo Fernando Henrique também começou bem no primeiro mandato, mas foi perdendo fôlego com o passar do tempo.

"O governo Lula também começou bem no combate à miséria e à desigualdade, mas os números são semelhantes ao do primeiro mandato de Fernando Henrique", disse Neri a jornalistas.

"Resta saber como vai ser daqui para frente", acrescentou, ao apresentar o estudo, feita com base na Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Uma melhora objetiva de parcela da população brasileira, em parte devido a programas sociais do governo, como o Bolsa Família, tem sido apontada por especialistas como um dos principais motivos da forte popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, favorito até agora à reeleição, entre os eleitores de renda mais baixa.

GASTO ELEVADO

Para Neri, este ano deve trazer novos números de queda na miséria e na pobreza no país.

"A queda em 2006 já está escrita e garantida. Houve um aumento do valor do Bolsa Família e uma aceleração do número de bolsas, além disso houve um aumento real de 13 por cento no salário mínimo e a inflação permaneceu baixa", disse Neri.

O economista destacou que a utilização do salário mínimo como meio e reduzir a miséria e a desigualdade é insustentável.

"A trajetória do governo não é sustentável. O aumento dos gastos é muito elevado. Isso pode provocar um aumento da carga tributária que ninguém aguenta mais e que já é alta para um país como o Brasil", disse.

"O grande desafio do Brasil é gastar melhor, a gente ainda gasta muito mal. O problema do salário mínimo é que a população está ficando mais velha e é um processo irreversível. Com isso, o governo está sempre gastando mais", explicou Neri.

Em destaque:

Páginas da Vida



Bira tenta suicídio mas é resgatado no mar por pescadores. Saiba mais!

· Mais: [Galeria de fotos](#)

O economista acrescentou que o governo deveria focar sua ação social em programas como o Bolsa Família, que atinge diretamente as camadas mais pobres da população e também é menos oneroso para o governo.

"Cada real investido no Bolsa Família é duas vezes e meia mais eficiente do que o aplicado no salário mínimo ... O Bolsa Família não pressiona o gasto público, é mais focado e é algo reversível...", disse.

Ele acrescentou, porém, que a expansão do programa pode ter se esgotado.

"O Bolsa Família chegou ao limite, não deve crescer mais do que as 11,1 milhões de famílias. Agora é aperfeiçoá-lo com um cadastro melhor e aumentar o valor. Se tiver que optar entre Bolsa Família e salário mínimo, que o governo aumente o Bolsa Família como mecanismo de transferência de renda", concluiu.

O estudo está disponível no site <http://www.fgv.br/cps/>.

(c) Reuters 2006. All rights reserved. Republication or redistribution of Reuters content, including by caching, framing or similar means, is expressly prohibited without the prior written consent of Reuters. Reuters and the Reuters sphere logo are registered trademarks and trademarks of the Reuters group of companies around the world.